



Opinião Econômica

Lorena Hakak

Doutora em economia e professora da FGV. Atua como presidente da GeFam (Sociedade de Economia da Família e do Gênero)

Por que estão faltando bebês?

Em 2022, taxa de fecundidade do Brasil era de aproximadamente 1,6, enquanto média mundial estava em 2,27

O filme "Ainda Estou Aqui" retrata o sequestro e desaparecimento do deputado Rubens Paiva, em 1971, com um enfoque especial na trajetória de sua esposa, Eunice. Um aspecto interessante, especialmente em comparação com as famílias atuais, é o fato de o casal ter cinco filhos, algo que era bastante comum na época, mas raro nos dias de hoje.

Na década de 1960, a taxa de fecundidade por mulher no Brasil, segundo dados do Banco Mundial, era de 6,1. Esse número estava muito acima da taxa de reposição populacional, de 2,1, e da média mundial da época, de 4,7. Em 2022, essa taxa caiu para 1,6.

Para cuidar de uma família com muitos membros e otimizar seus benefícios, muitos casais adotavam o que os economistas chamam de especialização na produção. Isso significa que um

dos cônjuges se especializava no trabalho remunerado, enquanto o outro, geralmente a mulher, se dedicava aos cuidados e aos afazeres domésticos (trabalho não remunerado). Hoje, as famílias brasileiras estão bem diferentes das dos anos 1960. Em 2022, a taxa de fecundidade era de aproximadamente 1,6, enquanto a média mundial estava em 2,27. O que aconteceu desde então para explicar tamanha queda?

A divisão de trabalho entre cônjuges vem mudando ao longo do tempo. No país, houve um aumento significativo na escolaridade, especialmente entre as mulheres, acompanhado de um crescimento substancial na participação feminina no mercado de trabalho (que passou de 15,45% em 1960 para 53,7% em 2022). Dessa forma, observamos que, em muitos domicílios, ambos os

cônjuges estão inseridos no mercado de trabalho. No entanto, a divisão do trabalho de cuidados ainda é desigual, particularmente no Brasil, o que sobrecarrega as mulheres, que enfrentam a chamada dupla jornada.

Claudia Goldin, vencedora do Nobel de Economia em 2023, discute no artigo "Babies and the Macroeconomy" a relação entre crescimento econômico, maior participação feminina no mercado de trabalho e queda na fecundidade.

Ela classifica os países em dois grupos: o primeiro, com taxas moderadas de fecundidade na década de 1950 (em torno de 2), que se mantiveram estáveis até 2010, incluindo Estados Unidos, França e Inglaterra; e o segundo, com altas taxas até 1970, mas que em 2020 caíram para níveis muito baixos (cerca de 1,3),

como Coreia do Sul, Itália, Portugal e Japão. Este último grupo inclui países predominantemente católicos ou com normas sociais distintas das ocidentais. Embora não analisado no estudo, o Brasil, com crescimento acelerado até 1980, se aproximaria desse segundo grupo.

Ela destaca que países que experimentaram um crescimento econômico rápido e abrupto tendem a apresentar hoje as menores taxas de fecundidade. Isso pode estar ligado a um conflito geracional, causado pela defasagem entre a velocidade das mudanças no mercado de trabalho e a adaptação das dinâmicas domésticas. De um lado, as mulheres demandam maior participação dos companheiros nos cuidados; de outro, os cônjuges mais tradicionais podem não estar dispostos a ajustar o tempo dedica-

do a essas tarefas. Essa divergência pode resultar em quedas ainda mais acentuadas nas taxas de fecundidade.

Diversos governos têm demonstrado preocupação com a queda acentuada nas taxas de fecundidade, especialmente devido ao envelhecimento populacional, que impacta a economia com o aumento de gastos em saúde e previdência, além de, em média, reduzir a produtividade do trabalho.

Embora não devam interferir diretamente nas decisões familiares, os governos podem implementar políticas públicas para acelerar mudanças nas normas sociais. É fundamental valorizar a paternidade, criando condições para que os pais cuidem de seus filhos por meio do aumento da licença-paternidade e modelos de trabalho mais flexíveis.

ACOMPANHE COM PRATICIDADE AS NOTÍCIAS MAIS IMPORTANTES E EXCLUSIVAS DO DIA



BAIXE O APP JC



JTI investe em mais sustentabilidade no Vale do Rio Pardo

/ INDÚSTRIA

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

Instalada há 15 anos em Santa Cruz do Sul, no Vale do Rio Pardo, a Japan Tobacco International (JTI) aposta na qualidade das folhas do tabaco gaúcho em seus investimentos no Rio Grande do Sul nos próximos anos. Somente em 2024, a empresa desembolsou R\$ 115 milhões em suas operações gaúchas, representando mais de 40% a mais do

que em 2023. A destinação principal dos recursos foi para os 11,5 mil produtores de fumo associados à produção industrial de Santa Cruz do Sul.

De acordo com o líder da operação de tabaco em folha da JTI no Brasil, Roberto Macedo, a importância do Rio Grande do Sul é estratégica para a empresa globalmente. Saem do Estado 24% da demanda da JTI no mundo,

resultado direto, aponta Macedo, do reconhecimento do mercado internacional ao tabaco brasileiro. Em torno de 5% da produção é destinado à produção de cigarros local. É a primeira fábrica de cigarros da JTI na América do Sul.

Hoje, a produção da JTI no Brasil é certificada de ponta a ponta, e a empresa é considerada carbono zero entre os seus processos produtivos.



Companhia busca garantir qualidade das folhas de tabaco de produtores

Empresa de Encantado recebe licença para troca de endereço de fábrica

Mauro Belo Schneider

mauro.belo@jornaldocomercio.com.br

O governo do Rio Grande do Sul, por meio da Fundação Estadual de Proteção Ambiental (Fepam), concedeu à empresa Fontana S/A, de Encantado, a Licença Única (LU) para a operação de sua fábrica de produtos de perfumaria em Teutônia, no Vale do Taquari. A licença, com validade de 17 de janeiro de 2025 a 17 de janeiro de 2030, é a primeira deste tipo emitida este ano, e a terceira desde a enchente de 2024.

Mauricio Ecker Fontana, diretor da empresa, diz que o deslocamento da produção das linhas de sabonetes líquidos e em barra de Encantado para Teutônia ocorrerá ao longo dos próximos meses. "Além da produção, teremos nossas operações de expedição da linha de higiene e limpeza operando em Teutônia", detalha o em-

presário. Em Encantado, ficará os produtos de limpeza e a produção de matérias-primas derivada de gordura animal, além da produção de base para sabonetes.

A fábrica da Fontana foi atingida quatro vezes pelas enchentes: em setembro de 2023, novembro de 2023, além de duas ocasiões em maio de 2024. "A licença concedida nos permite iniciar as obras de adequação e instalação da nova unidade de produção", acrescenta o gestor. O empreendimento de Teutônia é o terceiro a solicitar a mudança de endereço por meio da LU. O documento tramitou em menos de três meses.

A fábrica da Fontana tem capacidade de produção mensal de até 3 mil toneladas de sabonetes em barra e 670 toneladas de sabonetes líquidos, utilizando equipamentos de alta capacidade, como embaladoras, extrusoras e empacotadoras.

Ficha técnica

- Investimento: R\$ 115 milhões
- Estágio: Concluído
- Empresa: JTI
- Cidade: Santa Cruz do Sul
- Área: Indústria
- Investimentos em 2023: R\$ 90 milhões